

Escola Superior de Educação de Paula
Frassinetti

Pós – Graduação Educação da Criança em Creche

Projecto de investigação:

**A transformação da pedagogia em creche:
Processos de melhoria da qualidade da prática
pedagógica**

Aluna: Daniela Rute Morais Neto Oliveira

Porto

2008/2009

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Pós – Graduação Educação da Criança em Creche

Projecto de investigação:

A transformação da pedagogia em creche:
Processos de melhoria da qualidade da prática
pedagógica

Aluna: Daniela Rute Morais Neto Oliveira

Orientador : Doutora Clara Craveiro

Trabalho Realizado para o Projecto de
Investigação na Pós – graduação da Educação da Criança
em Creche

Porto

2008/2009

Índice

Introdução	4
I. Interesse e objectivos de Investigação	5
II. Pressupostos Teóricos.....	7
III. Contextos e Estratégias de Investigação.....	28
a) Universo/ amostra	
b) Local, escola	
c) Metodologia e instrumentos de recolha de dados	
IV. Descrição e Análise de dados	32
Conclusão.....	36
Bibliografia.....	39
Anexos	

Introdução

O presente trabalho foi realizado pela aluna Daniela Oliveira, durante a Pós-Graduação em Educação da Criança em Creche. Este projecto foi orientado pela Doutora Clara Craveiro, docente da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, no âmbito do projecto de Investigação/ Intervenção, tendo início em Maio de 2009 e conclusão em Novembro de 2009.

O interesse deste Projecto de Investigação será estudar os processos de melhoria da qualidade da prática educativa em contexto de creche , o objectivo basilar será portanto melhorar a realidade da prática educativa numa creche específica, neste caso a sala de 2 anos da Instituição de Solidariedade Social De Mãos Dadas.

Mediante os resultados obtidos serão retiradas algumas conclusões sobre o modo como resulta qualitativamente um bom diálogo entre diferentes modelos pedagógicos na creche e de que forma eles influenciam a prática pedagógica do educador e consequentemente o trabalho das crianças pequenas.

Assim este trabalho organiza-se formalmente do seguinte modo:

Em primeiro lugar é apresentada a justificação e o interesse desta Investigação, em seguida os objectivos desse trabalho. Para conferir sustentabilidade e credibilidade ao estudo, haverá uma abordagem teórica sobre os elementos trabalhados, assim como uma contextualização do objecto de estudo.

Depois de realizados registos e recolhas, serão apresentados os dados e analisados qualitativamente.

No final serão tecidas algumas considerações sobre os resultados obtidos.

Assim deste modo, tentaremos perceber de que forma se pode melhorar a qualidade educativa do contexto de creche, tendo em conta modelos diferentes e complementares, bem como se pode avaliar e melhorar a qualidade educativa do trabalho realizado.

I. Interesse e Objectivos da Investigação

O interesse deste projecto de investigação tal como indica o título “*A transformação da pedagogia em creche: processos de melhoria da qualidade da prática*”, será melhorar a realidade da prática educativa numa creche específica.

O objecto de estudo será a sala de 2 anos da Associação de Solidariedade Social – De Mãos Dadas em Rio Tinto.

Esta instituição tem vindo a melhorar a qualidade dos seus serviços, é a primeira instituição do País a conseguir dupla certificação: a certificação na norma ISO 22000 no ano de 2006 e na norma ISO 9001 em 2008.

Neste sentido e por ser uma instituição que aposta na qualidade dos serviços em todas as vertentes e valências, este estudo será de todo pertinente.

Nesta instituição privilegia-se um diálogo entre modelos pedagógicos, no sentido de tornar a prática educativa mais rica e ir ao encontro das necessidades das crianças.

Como tal, na De Mãos Dadas, foram vários os instrumentos de avaliação implementados antes e durante o processo de certificação.

Semanalmente são realizadas reuniões entre a equipa pedagógica de modo a avaliar as actividades decorridas durante a semana e a planificar os projectos a desenvolver.

Diariamente são recolhidos dados para a avaliação desde: observações das crianças, registos de incidentes críticos, organização do portefólio individual, conferência de portefólio criança - criança, conferência de portefólio criança - adulto, conversam informais com os pais e trimestralmente reuniões de avaliação com os pais. Nesta instituição realiza-se inclusive a documentação do trabalho realizado na sala através de registos, diários de grupo, fotografias e vídeos.

No final do ano lectivo é feita uma avaliação geral sobre o ano decorrido, os objectivos principais desse documento são avaliar a qualidade do trabalho educativo de cada sala.

Neste âmbito, todos os estudos que possam de algum modo contribuir para avaliação e melhoria da qualidade educativa nesta instituição, como será certamente este

Projecto de Investigação, são uma mais-valia e muito bem aceites pela Direcção e Coordenação da De Mãos dadas.

Sendo a finalidade deste Projecto de Investigação, investigar, contribuir e melhorar o contexto e a práticas pedagógicas da creche, formula-se a seguinte pergunta de partida:

- Em que aspectos deve ser melhorada a prática educativa da creche em estudo?

Definem-se ainda como objectivos de estudo:

- Identificar e analisar a qualidade do contexto educativo e das práticas proporcionadas às crianças*
- Obter informações acerca da qualidade do contexto e prática pedagógica realizada, de modo a obter evidências para a melhoria da mesma.*

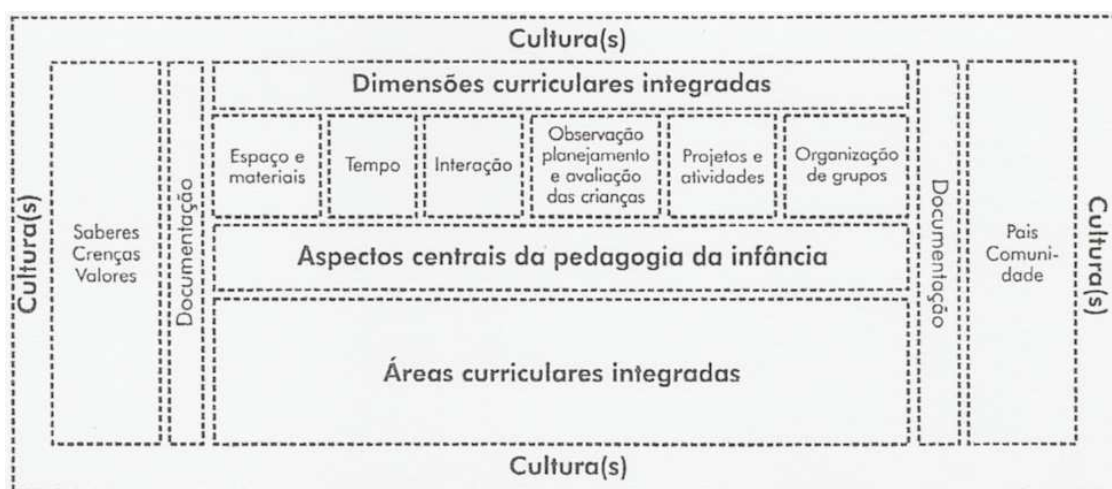
Tendo em conta o estudo da qualidade do ambiente educativo serão utilizados os seguintes instrumentos: a ficha de observação das oportunidades educativas da criança - Target e a escala BABYELL.

Estes instrumentos avaliam características como: Iniciativa, Grupos de trabalho, Experiências de aprendizagem, Interação e Níveis de envolvimento como: a Conectividade, a Exploração e a Criação de sentido.

II. Pressupostos Teóricos

De acordo com Oliveira – Formosinho (2001) e Craveiro (2007), a prática pedagógica pode ser enriquecida e acrescida de qualidade quando o educador de infância consegue um diálogo entre diferentes gramáticas pedagógicas, uma articulação entre modelos curriculares, pois isso permite ao educador construir um ambiente enriquecido e uma maior qualidade do trabalho da criança.

Em Jardim-de-infância e Creche as dimensões curriculares integradas (OLIVEIRA. FORMOSINHO. J, 1998; 2001;2007) permitem ao educador reflectir sobre todas as dimensões importantes no desenvolvimento da prática pedagógica. Deste modo considera-se que as dimensões: *Espaço e Materiais; Tempo; Interação; Observação, Planeamento e Avaliação das crianças; Projectos, Actividades e Organização de grupos* são essenciais para a realização de um trabalho sistemático, organizado e reflectido, como tal são uma mais-valia para a qualidade da prática e uma base possível para encontrar diálogo entre modelos pedagógicos.



No âmbito deste estudo em contexto de creche ter-se – a como referencia os modelos pedagógicos: Norte - Itálico , High- Scope e Goldsmith e Jackson.

Espaço e materiais

A criação de um ambiente de aprendizagem que garanta igualdade de oportunidades para todas as crianças no respeito pelos interesses e características individuais e na facilitação do alargamento destes interesses,

leva a que se proporcione à criança pequena aprendizagens significativas que respondam aos seus interesses e necessidades, bem como se cria um respeito básico pelas características de todos e de cada um.

O modelo curricular High Scope – na organização do espaço - propõe estratégias para que a criança tenha acesso independente aos materiais, e os possa utilizar livremente. Propõe ainda estratégias de devolução dos materiais, incentivando o ciclo **pegar, usar; devolver** (HOHMANN e WEIKART. 1995). Assim, a sala deve modificar-se de acordo com as necessidades, interesses e evolução do grupo, podendo a própria criança participar nas mudanças para que possa compreender melhor a organização do espaço.

Os espaços também devem ser evocativos das aprendizagens e das vivências das crianças, tendo em conta esse pressuposto, o modelo Norte Italiano apresenta a documentação como forma de transformar o espaço num lugar único e evocativo do grupo de crianças, documentar “*é um processo capaz de ampliar a compreensão dos conceitos e das teorias sobre as crianças com a convicção de que, tanto para as crianças como para os adultos, a documentação serve de apoio aos seus esforços para entender e se fazer entender*”(GOLDHABER, J. in EDWARDS, C., GANDINI, L., 2001, p.150).

Documentar implica ainda *comunicar*, segundo Malaguzzi (in EDWARDS, 1999, p.155) “*as paredes (...) falam e documentam (...) são usadas como espaços para exposições temporárias e permanentes de tudo o que as crianças e os adultos trazem à vida*”.

Uma sala documentada permite a abertura de horizontes, a criação de pontes e a associação entre ideias. A informação transmitida, pelas paredes da sala, reflecte a cultura, vivências, rotinas, actividades e histórias de vida de cada grupo em particular, não sendo possível ser reproduzida de sala para sala.

Cada produção documentada deve vir acompanhada pela interpretação do educador e/ou pelos pensamentos e comentários das crianças, transmitindo essa mesma situação segundo várias perspectivas.

Ligando a documentação ao espaço - sala, esta torna - o evocativo de momentos vividos, uma imagem de uma criança a pintar na área da plástica, uma fotografia do grupo a construir na área dos blocos, são momentos vividos que ganham forma e se perpetuam no espaço -sala.

Este tipo de documentação é extremamente vantajosa, as crianças sentem a importância dada pelo adulto as suas produções e ideias, ao verem os seus trabalhos valorizados e permite que compreendam o que fizeram até ao momento e, como o fizeram, bem como serve de ponto de partida necessário para alcançar novas aprendizagens.

É também através da documentação que os pais e a comunidade educativa visualizam o dia-a-dia dos filhos, pois torna visíveis as experiências das crianças. Esta situação deixa os pais mais confiantes no trabalho do educador e conseqüentemente mais participativos e envolvidos.

Documentar está intrinsecamente relacionado com a organização educativa do ambiente, concretamente do espaço sala. A preocupação incide em tornar o espaço num ambiente educativo, favorecendo a construção cognitiva e incentivando as crianças no caminho da descoberta do mundo envolvente.

Tempo

A organização do tempo educativo, tem uma influência determinante no tipo de interações que se estabelecem e no trabalho que é desenvolvido com as crianças. A gestão do tempo diário deve contemplar diferentes momentos, rotinas diárias como momentos de higiene, sono e alimentação; actividades espontâneas ou livres (actividades realizadas informalmente, a partir da organização espaço – materiais); actividades programadas ou dirigidas (actividades de grande ou pequeno grupo, orientadas pelo Educador, que não dependem da organização espaço – materiais).

A rotina diária estabelecida no Modelo Curricular High - Scope, assenta numa base de flexibilidade e tem como principal objectivo responder às necessidades e características do grupo de crianças, permite que as oportunidades e interesses que as crianças manifestam sejam concretizados através de uma aprendizagem activa. Em todo este processo a criança participa e constrói activamente o seu conhecimento, *“Como todas as rotinas para crianças, a rotina High - Scope consiste na atribuição de certo*

tipo de actividades a segmentos específicos de tempo — tempo para as crianças executarem os seus planos, participarem em actividades de grupo, em brincadeiras no exterior, tempo para as refeições, tempo para descansar “ (HOGMANN e WEIKARTH, 1995, p.151).

A rotina diária, o fazer cada coisa no momento certo ajuda a criança a sentir-se protegida; contribui em grande medida para que vá adquirindo essa segurança que tanto necessita. Existem rotinas, que orientam o trabalho de creche e que são imprevisíveis num bom trabalho pedagógico com crianças pequenas. Um exemplo dessas rotinas é o:

Registo das Novidades; Na área do acolhimento a Educadora todas as manhãs tenta conversar com as crianças sobre as suas novidades, esta é uma forma de incentivar a criança a comunicar e a expressar -se. Para além de uma forma de expressão e comunicação permite, o desenvolvimento da expressão e linguagem oral e a aquisição de importantes regras de convivência em grupo. Esta rotina verifica-se essencialmente numa sala de 2 anos.

Planear o trabalho da manhã e áreas de brincadeiras que escolhem

Este planeamento surge quando o grupo possui aquisição de diversas competências sociais e cognitivas. As crianças escolhem as suas brincadeiras com um objectivo, exploração, descoberta, permite uma maior concentração e envolvimento.

Projecto (s)

Projectos que serão apoiados pelo Educador, desenvolvidos através da pesquisa, da cooperação com a família, e tendo a aprendizagem activa como base.

Momento da higiene

Momento de contacto entre adulto e criança, este momento pode ser muito rico em aprendizagens, dos mais bebés aos 2 anos.

Tempo Exterior

Este tempo é dedicado às brincadeiras físicas, em que as crianças exploram livremente um espaço exterior. O adulto interage com as crianças de forma lúdica através da integração em brincadeiras, exploração de jogos. Momento que dependendo das condições pode ser realizado com crianças muito jovens.

Tempo de Transição

Outro dos aspectos relacionados com a gestão do tempo educativo, diz respeito aos momentos da sequência diária, que deverão ser planeados de acordo com as características e necessidades das crianças, sendo fundamental, alternar as actividades de movimento, com as actividades mais calmas, os momentos de trabalho em grande grupo, como os momentos de trabalho individual ou em pequeno grupo. Nestes momentos em que se torna importante alternar diferentes actividades, as **actividades de transição** desempenham um importante papel, pois estas funcionam como um elemento mediador entre as mesmas. Numa fase em que as crianças ainda não possuem uma grande capacidade de concentração o que conduz muitas vezes a uma dispersão do grupo, sendo fundamental observar o grupo e desenvolver estratégias que impeçam estes momentos “mortos”, estas quebras de grupo.

Comer e Descansar

Deve ser criado um ambiente calmo e de convívio, em que todos partilhem e apreciem comida saudável num contexto social apoiante, bem como devem descansar de forma tranquila e confortável. Estes momentos são fundamentais para uma boa vinculação em bebés pequenos.

(HOHMANN, MARY.2000)

Interacção

Bebés e crianças pequenas sentem-se à vontade quando estão rodeados de material interessante e adultos facilitadores, que transmitam carinho, afecto e segurança. É importante por isso que a criança tenha um educador responsável. A existência desta relação estável, reduz significativamente o stress da criança, ajuda a promover confiança e previsibilidade que permite à criança ultrapassar frustrações e desafios próprios do seu crescimento, porque segundo o pediatra Judir Falk (**FALK.JUDIR. 1979.p117**), “ *um sistema estável de relações é um pré – requisito ...para a capacidade de assimilar o padrão social de valores aceites, normas, regras de comportamento, conjunto de proibições, através da assimilação e identificação*”.

No entanto, a criança não deve estar ligada somente a uma pessoa, a um adulto responsável, pois por motivo de férias ou doença este pode não estar com a criança, nesse caso outras pessoas devem estar a par das características da criança e a

própria criança deve ter estabelecido com estas segundas pessoas uma relação igualmente de confiança, como refere Ronald Lally (**LALLY. RONALD. J1995.p.64**) “*é fundamental, que haja outras relações para que a criança se possa sentir segura quando o educador responsável falta, deste modo a vinculação secundária esta disponível e a criança não se sentirá abandonada*”.

O currículo High - Scope (**HOHMANN, MARY.2000.pp94**) salienta alguns aspectos que são facilitadores das interacções adultos – criança.

O educador deve orientar a rotina de modo a que exista continuidade de cuidados; centralizar o dia de cada criança num educador responsável, formar pequenos grupos de crianças que partilhem uma equipe de educadores, manter juntos de um ano para outro educadores e crianças.

Deve igualmente ser criado um clima de confiança, ao falar calmante com as crianças, ao ser-se caloroso e interagir com elas. O educador deve ter o cuidado de responder de forma facilitadora às necessidades e aos sinais de chamada de atenção das crianças. Deve no entanto dar tempo a que elas interajam umas com as outras e apoiar as suas relações com os pares.

O educador deve cooperar, no sentido de interagir ao nível físico da criança, deve inclusive respeitar as suas características e temperamentos, observar e ouvir as crianças e deixar a criança ter livres escolhas e tomar iniciativas.

Apoiar as intenções das crianças é também um ponto fulcral, focalizar os seus pontos fortes e os seus interesses, encorajar as escolhas e a exploração na brincadeira, dar à criança tempo para resolver problemas e ajuda-la a resolver conflitos sociais, “*Com o apoio dos educadores, crianças pequenas desenvolvem e treinam capacidades de resolver muitos dos seus próprios conflitos sociais. Através dos seus esforços, exercitam competências de reflexão, e de raciocínio, ganham um sentido de controlo sobre as soluções ou consequências de um problema, experimentam a cooperação e desenvolvem a confiança em si próprias, nos seus pares e nos seus educadores*”. (**HOHMANN, MAR .2000.pp.92**)

Observação, Planeamento e avaliação das crianças

É difícil separar estes três domínios quando se encontram tão relacionados, funcionam em espiral como um todo, não sendo a avaliação um fim em si mesma, mas um contributo para observação e planificação.

a) Observar

As observações e os registos de observação, requerem uma selecção cuidada. É nesta dinâmica de trabalho conjunto entre modelos que se encontra o currículo High-Scope uma forma de organizar esses registos é através das experiências – chave.

As experiências - chave estão organizadas, para ser mais fácil ao educador observar, planificar e avaliar o seu trabalho, no entanto são trabalhadas como um todo e não de modo repartido.

As Experiências - Chave High/Scope para Bebés e Crianças são portanto as seguintes **(HOHMANN, MARY.2000.21|54):**

Sentido de Si Próprio; Através de acções com objectos e interacções com adultos em quem confiam, as crianças começam a compreender que existem como um ser individual e separado dos outros. Com esta consciência física de si próprio conseguem construir uma imagem de si próprias como pessoas distintas e capazes de influenciar e responder ao seu mundo imediato, expressando iniciativa, distinguindo «eu» dos outros, resolvendo os problemas com que se deparam ao explorar e fazendo coisas por si próprias.

Relações Sociais; Através das suas interacções diárias com os Pais, familiares e equipa pedagógica as crianças aprendem como os seres humanos agem e tratam uns dos outros. Ao crescerem com adultos calorosos e respeitadores, as crianças aprendem a confiar nelas próprias, a ser curiosas e a explorar novos desafios de aprendizagem e aventura.

As crianças desenvolvem-se socialmente através da vinculação com a Educadora responsável, com outros adultos e pares, expressando emoções, mostrando empatia pelos sentimentos e necessidades dos outros e desenvolvendo jogos sociais.

Representação Criativa; Com as suas explorações sensório – motoras as crianças acumulam um conjunto considerável de experiência directa, através de repetidas experiências com determinado objectivo começam a criar uma imagem mental do mesmo. Este processo de interiorização e visualização mental dos objectos constitui a primeira experiência da criança com aquilo que se chama representação, imitando e brincando ao faz de conta, explorando materiais de construção ou expressão plástica e identificando figuras e fotografias.

Música e movimento; Uma vez que esta faixa etária se encontra na fase sensório – motora, o Movimento físico desempenha um papel primordial na aprendizagem. As crianças movimentam partes do corpo, o corpo todo, objectos e sentem e expressam batimentos regulares. O sentido de si próprio está fortemente ligado ao desenvolvimento da capacidade de controlar os seus movimentos. Isto só é possível quando têm espaço e liberdade para se movimentarem sem constrangimentos, aprendendo a medir a sua força física, os seus limites e exercitam padrões de movimento até que o seu domínio os impele no próximo desafio físico.

Comunicação e Linguagem: as crianças estabelecem sentimentos e desejos através de sistemas cada vez mais complexos, começando pelo choro, movimentos, gestos e sons, estando em perfeita sintonia com a linguagem corporal e vozes calorosas dos Pais e Educadores. As crianças vão entendendo que a comunicação é um processo de dar e receber, nem sempre são precisas palavras para veicular e compreender segurança, aceitação, confirmação e respeito. Misturam gestos, produzem sons, falam, olham e ouvem num sistema de comunicação biunívoco que os integra na comunidade à medida que comunicam verbalmente e não verbalmente, exploram livros de imagens e apreciam histórias, lenga - lengas ou cantigas.

Explorar Objectos; Tudo no mundo é novidade para as crianças e como tal exploram objectos com as mãos, pés, boca, olhos, ouvidos e nariz para descobrir o que são e o que fazem. Descobrem a permanência do objecto e exploram e reparam em como as coisas podem ser iguais ou diferentes. Começam por bater e dar pontapés a coisas por acaso, aos poucos alarga as suas acções exploratórias e organizam as suas descobertas em conceitos básicos de funcionamento.

Noção Precoce de Quantidade e de Número; Ao explorar e brincar com objectos as crianças começam a estabelecer as bases para a compreensão da quantidade e do número. Segurando, metendo à boca, batendo, levantando, carregando, pondo-se em cima ou escondendo-se atrás das coisas começam, a perceber que objectos e materiais existem separados de si e das suas acções sobre eles. Experimentam mais, a correspondência de um para um e exploram o número das coisas.

Espaço; Nas suas actividades diárias de aprendizagem activa, as crianças ganham consciência corporal directa do espaço, apropriando-se imediatamente do espaço à sua volta. Experimentar, aproximar, separar, aprendendo a orientar-se a si próprio e aos objectos no espaço, para que as coisas fiquem fáceis de ver e agarrar. Exploram e reparam na localização dos objectos, observam pessoas e coisas e juntam-nas de novo. No fundo procuram resolver os problemas espaciais com que se deparam na exploração e no jogo.

Tempo; Para crianças pequenas o tempo significa o presente, as suas sensações internas modelam aquilo que acontece no presente. Aos poucos aprendem a antecipar acontecimentos imediatos a partir de indícios externos, a reparar no início e final de um intervalo de tempo, a experimentar depressa e devagar e a repetir uma acção para fazer com que algo volte a acontecer, experimentado causa e efeito.

Em síntese as Experiências - Chave orientam as observações das crianças e interpretam as suas acções. As experiências servem também para os educadores orientarem as suas interacções com as crianças, e tal como tinha sido referido para planificar actividades que apoiam a sua aprendizagem e desenvolvimento. Tudo isto fará com que o educador compreenda o crescimento e desenvolvimento infantil, partilhe e interprete as acções das crianças com a equipe pedagógica e com os pais.

Realizadas observações das crianças, à luz das experiências – chave, falta uma base para organizar os registos e as recolhas escritas e fotográficas (a documentação pedagógica). É neste contexto que se salienta o Portfolio como instrumento de avaliação e como modelo organizativo de todos estes documentos.

b) Planificar

No modelo norte – italiano a documentação que para além de tornar o espaço evocativo funciona como forma de planificar com o grupo de crianças:

“A documentação, interpretada e reinterpretada junto com outros educadores e crianças, oferece a opção de esboçar roteiros de acção que não são construídos arbitrariamente, mas que respeitam e levam em consideração todas as pessoas envolvidas” (GOLDHABER, J. in EDWARDS, C., GANDINI, L. 2001. p.150).

A documentação trata-se de um processo cooperativo entre educadores e crianças, dando origem à construção de planificações. Quando se documenta pretende-se registar tudo aquilo que se observa e trabalha no espaço educativo, divulgando as descobertas e todos os momentos e situações significativas. Toda a documentação é elaborada com lógica e seguimento, através da observação e escuta das crianças e posterior **registo**.

A documentação deve ser uma prática diária no contexto de creche e utilizada de modo instintivo, investindo numa melhoria dos métodos de observação utilizados e numa diversidade das ferramentas de registos adequadas a cada situação. Deve permitir uma reflexão crítica (**avaliação**) sobre os projectos e as experiências que as crianças estão a vivenciar de forma a poder dar-lhes continuidade.

Assim, documentar implica **observar, escutar e registar** acontecimentos. O educador deve observar atentamente as crianças, registar os seus comentários e comportamentos através de anotações rápidas, gravações vídeo e áudio, fotografias de trabalhos e de momentos, entre outros.

A análise destes registos requer uma organização e selecção cuidada, de modo a permitir uma reflexão pelo educador e equipa pedagógica no sentido de perceber o que as crianças sabem e desejam saber, porque nas observações recolhidas estão implícitos os rumos que as crianças pretendem seguir (**planificação**). Assim, em conjunto com as crianças poderão estruturar uma **planificação flexível**, tendo como base os seus interesses e necessidades.

c) Avaliar

Avaliar em creche ainda é algo pouco documentado no entanto citando Garden:

“Submetemos toda a gente a uma educação em que somos bem sucedidos pessoa fica bem preparada para ser professor universitário. E ao longo do tempo avaliamos toda a gente de acordo com esse estreito padrão de sucesso.

Devíamos passar menos tempo a classificar as crianças e mais tempo a ajuda – las a identificar as suas competências e dons naturais...” (GARDEN .1995. PP.58).

Este texto não podia ser um mote mais específico para falarmos de avaliação, na creche. A avaliação em creche, não deve de modo algum classificar as crianças, mas de algum modo evidenciar os seus progressos e ajudar a adquirir competências.

O portfolio como instrumento de avaliação privilegia a individualidade de cada criança e valoriza as suas competências sem nos submetermos a réguas de avaliação estereotipadas, que não valorizam a essência de cada criança, como diz o texto, os dons naturais.

A avaliação não pretende enquadrar a criança num valor regulamentado, mas é o resultado da observação e do planeamento, serve para reflectir sobre cada criança e adaptar toda a aprendizagem. Investir nas áreas de maior dificuldade e valorizar as conquistas. É esse o papel do portfolio.

Este é o meio mais visível da avaliação, mas também um dos mais completos para creche porque permite que a avaliação seja realizada pela criança (a partir dos 2 anos) e pelo adulto.

Segundo Shores e Grace (SHORES.GRACE.1998) existem 3 tipos de portfólio: *“o individual que contém documentos confidenciais (historial médico da criança, nº de telefone dos pais, alguns registos sistemáticos, alguns registos de caso e anotações de entrevistas com os pais); o de aprendizagem usado com maior frequência pelo educador e pela criança que contém anotações, rascunhos, esboços preliminares de projectos em andamento, amostras de trabalhos recentes e o diário de aprendizagem da criança que contem: a colecção da criança e que a motiva a reflexão sobre as oportunidades educacionais que se estão a proporcionar otimizando uma*

comunicação mais rica com os pais e o demonstrativo que contém amostras representativas de trabalhos que demonstrem avanços importantes ou problemas persistentes. É uma pequena colecção de amostras de trabalhos, relatórios narrativos, fotografias, gravações áudio e vídeo e outros documentos essenciais que cada professor novo pode utilizar como base para decisões iniciais sobre uma dada criança.”

Tendo estas definições como base, e não querendo menosprezar as vantagens dos outros dois tipos de portfólio, individual e o demonstrativo, vejamos essencialmente o portfólio de aprendizagem.

Assim, entende-se por Portfólio uma colecção de trabalhos que apresenta as evidências do desenvolvimento da criança. Este é organizado mediante as opções de cada educador, podendo ser criado através das áreas de conteúdo, experiências - chave, ou mesmo através de ambas, podendo denominar-se categorias de desenvolvimento.

Desta forma, o portfólio é um instrumento de trabalho que permite acompanhar pormenorizadamente o desenvolvimento da criança, dando a possibilidade de compreender e estar a par da evolução do seu trabalho, de modo a conhecer as suas potencialidades, tal como os aspectos que necessita de melhorar. As crianças são encorajadas a desenvolver o seu trabalho, assim como são elas o próprio motor do mesmo.

Não existem portfolios iguais, cada criança, (a partir sensivelmente dos 2 anos), escolhe os trabalhos que incluirá no portfólio, sendo que estes também poderão ser escolhidos pelos adultos (Equipa Pedagógica e Família) se assim se justificar. As famílias poderão participar neste processo de construção e para que este trabalho possa ser enriquecido cada criança deverá levar o seu portfólio para casa sempre que o desejar ou que o educador o considere pertinente. Estes deverão estar disponíveis e ao acesso da criança na sala, de modo a que ela possa revisitá-lo sempre que sentir vontade. É de salientar que cada criança deverá conseguir identificar o seu próprio portfólio, podendo a capa por exemplo ter uma fotografia sua ou mesmo um desenho, respeitando assim a individualidade e personalidade de cada um.

As crianças que desde pequenas têm por hábito reflectir sobre as suas próprias experiências, examinando amostras dos seus trabalhos e repensando o seu progresso,

gradualmente aprendem a definir objectivos do seu trabalho e aprendizagem por si mesmas. É óbvio, que a equipa pedagógica terá o papel de orientar e direccionar este trabalho, contudo sempre de acordo com as necessidades e interesses das crianças.

Por fim é de sublinhar que o Portfólio não é de todo um arquivo de trabalhos, uma vez que existe uma selecção cuidada por parte do adulto e/ou por parte da criança, de modo a permitir avaliar, analisar e reflectir sobre o desenvolvimento da criança em questão.

Este instrumento de avaliação permite também ao educador avaliar a sua prática pedagógica e reflectir sobre ela, de forma a responder sempre e cada vez melhor aos interesses e necessidades da criança. O portfólio é exclusivamente da criança e aqui somente serão colocadas as vivências mais significativas para esta.

Ainda na perspectiva de o portfólio ser um meio de avaliação, segundo Parente (2002,pg10), *“as informações obtidas através da observação adequadamente recolhida, sumariada e interpretada podem fornecer evidências sobre os progressos das crianças e serem utilizadas para planear as actividades curriculares e conceber estratégias e acções para melhorar áreas específicas do desenvolvimento”*, desta forma podendo ser um ciclo regulador do trabalho com as crianças.

O conteúdo do portfólio deve ser diversificado, deve conter observações do educador e da criança, fotografias e vídeos que ajudem à leitura da própria criança. Esta metodologia de trabalho deve evidenciar os seus progressos, proporcionar informação de suporte à comunicação, tal como facultar informação para a planificação e avaliação. De igual forma poderá servir para identificar crianças que necessitem de ajuda especializada, assim como motivar e envolver activamente as crianças na própria aprendizagem.

O educador deverá focalizar a sua observação e o seu registo sobre as evidências do desenvolvimento da criança e, a partir daí, planificar e avaliar a intervenção/ acção . É de salientar que os registos de observação podem apresentar formatos diferentes, indo de encontro às características de cada grupo e do educador. Parece-nos evidente que a observação efectuada pelos educadores no contexto natural dos acontecimentos tem

sido um dos procedimentos mais utilizados para recolher dados capazes de contribuir para a tomada de decisões educativas.

O portfólio permite uma visão única, pessoal e personalizada de cada criança, tal como afirma Parente (PARENTE.2004, pp. 60) *“Um portfólio conta a história das experiências, dos esforços, progressos e realizações de uma criança e revela as suas características únicas”*

Outro modelo de avaliação será a documentação pedagógica, tendo como pioneiros a documentação do modelo Reggio Emília do Norte de Itália, muitos educadores começaram a usá-la como instrumento para a reflexão e avaliação da sua prática pedagógica e do próprio desenvolvimento das crianças.

A documentação pedagógica é um instrumento vital para a criação duma prática pedagógica reflexiva e democrática, mas requer que os profissionais de educação dediquem tempo a esta análise e reflexão conjunta.

Esta documentação pedagógica não deve ser confundida com a “observação da criança”, cuja finalidade é avaliar o desenvolvimento psicológico infantil em relação a normas pré - determinadas, que definem o que uma criança dita normal deve estar a fazer em determinada faixa etária. Ao invés disso, a documentação pedagógica diz respeito à capacidade de ver e entender o que está a acontecer no trabalho pedagógico e o que a criança é capaz de fazer sem qualquer estrutura padronizada.

Quando documentamos, construímos uma relação entre nós mesmos e a criança, cujo pensamento, palavras e acções estamos a documentar. Neste sentido, a documentação permite-nos descobrir de que forma vemos a criança e a nós próprios como educadores e, como entendemos e interpretamos o que está a acontecer na prática, ou seja, através da documentação podemos perceber como nos relacionamos com a criança.

Todo este processo permite que o educador, sozinho ou com a equipa pedagógica, pais e/ou criança, reflecta sobre o trabalho pedagógico de uma forma muito rigorosa e metódica.

Como a documentação pode ser guardada – nos portefólios por exemplo - e mais tarde reexaminada, este processo também pode funcionar como uma forma de revisitare e rever experiências e acontecimentos anteriores e deste modo criar memórias, novas interpretações e reconstruções do que aconteceu no passado.

A documentação deve então ser vista como um processo de aprendizagem e comunicação, que dá voz às crianças, aos educadores, aos pais e a toda a comunidade educativa e que permite a participação de todos na construção de significados. Clark e Moss (**CLARK.MOSS.2001**) defendem que a criança deve ter voz própria e que deve ser escutada de modo a que as suas ideias sejam levadas a sério, o que implica envolvê-las no diálogo e nas tomadas de decisões.

A criança tem o direito de participar na sua educação e de ser escutada, ter voz em relação às questões que lhe dizem respeito. *“A escuta é um processo de ouvir a criança sobre a sua colaboração no processo de co-construção do conhecimento, isto é, sobre a colaboração na co-definição da sua jornada de aprendizagem”* (**FORMOSINHO. 2007.**)

As conferências criança - adulto e criança - criança, as entrevistas e os diálogos espontâneos com a criança constituem instrumentos importantes para escutar verdadeiramente a criança, ajudando-a no processo da sua auto-avaliação e tomada de consciência dos seus processos de aprendizagem. A criança aprende a visitar as suas vivências, a dialogar e partilhar ideias sobre as mesmas, desenvolver a sua auto - estima e a sua auto-determinação. Quando a criança revê o que foi feito por ela no passado, consegue ir progressivamente percebendo qual o caminho percorrido para alcançar determinada aprendizagem e percebe o que antes era incapaz de realizar e o que no momento actual já aprendeu ou melhorou. A criança reflecte sobre o conhecimento que está a construir sobre si e sobre a sua relação com o mundo envolvente, aprende a olhar para si como um ser em crescimento.

Para além desta auto-avaliação por parte da criança, na medida em que reflecte e comenta o seu desenvolvimento através da observação da documentação, o próprio adulto realiza o mesmo processo. Tendo em conta as conferências efectuadas e todos os registos documentados é capaz de avaliar o desempenho e evolução da criança, e desse

modo elaborar um relatório narrativo de desenvolvimento e respectivo plano individual de desenvolvimento. Assim, a documentação torna-se pedagógica no momento em que é analisada sistematicamente, facultando uma reflexão e avaliação cuidada sobre a criança e postura da equipa pedagógica.

A participação da família no contexto escolar da criança é fulcral para o pleno desenvolvimento da mesma. Assim, a família não deve deixar de cooperar e acompanhar a vida dos seus educandos em todas as etapas escolares, de forma a presenciar os seus progressos, valorizar as suas conquistas e ajudar a superar as suas dificuldades. Considera-se assim que a família e o contexto escolar são os primeiros e principais agentes pela educação das crianças, na medida em que proporcionam a estas as aprendizagens basilares que se constituem como a base da sua formação. É, portanto, fundamental a existência de uma relação que assente na cooperação e na partilha de informação, de maneira a garantir o pleno desenvolvimento das crianças. Sendo assim *“a escola deve apoiar-se nas experiências vividas pela criança no seio da família e crescer gradualmente para fora da vida familiar; deve partir das actividades que a criança vivência em casa e dar-lhes uma continuidade. Deste modo, o grupo aprende com a experiência de cada criança, enriquece-se (...). É tarefa da escola aprofundar o que a criança previamente experimenta no contexto familiar.”* (John Dewey in Hohmann, 1999. pp99).

Para finalizar; *“A integração não poderá consumir-se no seio de um grupo, a sua criatividade não poderá tornar-se duradoura, enquanto as relações interpessoais entre todos os membros do grupo não estiverem fundadas sobre comunicações abertas, confiantes, e adequadas.”* (Dreyfus, 1980.pp65)

Projectos, actividades

Desde o nascimento que os bebés e as crianças aprendem activamente (...) Adquirem conhecimento experimentando activamente o mundo à sua volta – escolhendo, explorando, manipulando, praticando, transformando, fazendo experiências. A amplitude e a profundidade da compreensão que a criança tem do Mundo está em constante mudança, expande-se como resultado das suas interacções do dia – a – dia(...) (HOHMAN.MARY. 2004)

Neste sentido devem ser proporcionadas actividades que permitam a criança explorar o mundo em seu redor. Falar de actividades e projectos seria de todo extenso mas importa focar três pontos importantes; o Cesto dos Tesouros e o Jogo Heurístico (Goldsmith e Jackson) e a Pedagogia de Projecto, que numa sala de 2 anos poderá ser utilizada, de forma adequada ao grupo de crianças.

O cesto dos tesouros é uma actividade para bebés que já se conseguem sentar, mas que ainda não se movimentam, pois estas crianças precisam de material estimulante e que prenda a sua atenção. O cesto dos tesouros é uma forma de reunir material estimulante e deixá-lo ao alcance do bebé, de modo a ele agir livremente. Esse material deve ser natural e o adulto deve ter um papel atento, mas não activo, deve apenas manter a segurança e só agir em caso de necessidade. Como é evidente esta actividade é uma actividade para crianças de berçário (ou mesmo 1 ano), mas se reflectiremos melhor sobre a realidade vemos que mesmos aos 2 anos, o material oferecido é muitas vezes “ artificial”, sem cheiro , sem textura e sem sabor.

Relativamente ao cesto dos tesouros Goldsmith (**GOLDSMITH.2004,pp123**) foca o seguinte aspecto; “ *Se olharmos para os materiais ... oferecidos a crianças pequenas...veremos que eles são feitos de plástico ou material sintético..que tipo de qualidade de experiências sensoriais esses objectos podem oferecer, lembrando sempre, que nessa idade o toque e as actividades exploratórias pela boca são tão importantes como a visão*”

Adequar o Cesto dos Tesouros a outras idades é possível, inserindo na sala, nomeadamente na sala dos 2 anos, material natural que as crianças possam explorar livremente. Por exemplo, conchas, frutas ou legumes, sabonetes, flores, etc. Na área da casinha este material pode enriquecer fantasticamente uma actividade.

Na linha de Goldsmith, aparece também o Jogo Heurístico, este jogo consiste basicamente em a criança “ descobrir coisas por si mesma” (**GOLDSMITH.2004,pp147**)

Neste jogo o papel do adulto é basicamente de colectar material diversificado, que será colocado num espaço amplo. O papel das crianças será explorar esse mesmo material. O adulto só deve intervir em caso de necessidade, noutra caso permanecerá em silêncio sem interferir.

Existem questões básicas para que esta actividade funcione, material muito diversificado, desde caixas de papel, a garrafas de plástico, embalagens de plástico, molas da roupa, rolhas grandes de plástico, etc. O espaço deve ser claramente definido para esta actividade e silencioso. Deve existir também um período limitado de tempo para o brincar heurístico, uma hora é o ideal.

Este tipo de jogo permite explorar, seriar, montar, dar sentido aos objectos e promove relações sociais.

No que se refere à pedagogia de projecto, segundo Lilian Katz, projecto pode ser definido como sendo *“um estudo em profundidade de um determinado tópico que uma ou mais crianças levam a cabo. Consiste na exploração de um tópico ou tema”* (**Lilian Katz, 1997. PP. 3**).

O trabalho de projecto pode prolongar-se por alguns dias, meses ou até o ano inteiro, tudo depende do tema a ser explorado, da idade das crianças, do seu próprio desenvolvimento e principalmente do interesse demonstrado pelo tema em causa.

Ao contrário das brincadeiras espontâneas, os projectos envolvem as crianças num planeamento e em diversas actividades que permitem a conservação do esforço durante um determinado tempo.

O trabalho de projecto pode ser integrado no currículo por diversas maneiras, dependendo dos compromissos e dos condicionantes, neste caso a idade e o contexto creche.

O trabalho de projecto encontra-se dividido por fases, que diferem conforme os dois autores.

Enquanto que Vasconcelos, **Teresa (1997)** apresenta quatro fases: Definição do problema; Planificação e lançamento do trabalho; Execução; Avaliação/divulgação, **Lilian Katz (1997)** considera apenas três fases: Planeamento e arranque; Desenvolvimento do projecto; Reflexões e Conclusões.

Apesar de Lilian Katz (1997) apresentar menos uma fase que Vasconcelos, Teresa (1997), os dois descrevem os elementos fundamentais no seu desenvolvimento.

Passa-se a descrever as três fases segundo Lilian Katz (**Lilian Katz, 1997.**): na fase I, um projecto pode ter início quando uma ou mais crianças mostram interesse por algo que lhes desperta a sua atenção, pode também começar quando o educador apresenta um tema ou até mesmo quando entra em acordo com as crianças sobre a escolha de um tema.

Depois da escolha do tema ou do tópico partilham-se informações, experiências e ideias que as crianças já possuem relativamente ao tema escolhido.

O educador incentiva as crianças a falar sobre o tópico, a descrever a sua compreensão actual de outras formas e a brincar. Este funciona como fonte de conselhos e sugestões, ele pede a todas as crianças que tragam para a sala materiais possíveis para o desenvolvimento do projecto.

Em conjunto com o educador, as crianças procuram informação relativamente ao tema e organizam essa mesma informação, passando depois para a fase seguinte.

A fase II é relativa ao trabalho feito com o material e informações que foram recolhidas durante a fase anterior.

Uma outra hipótese de desenvolver o projecto é convidar alguém que é especialista para falar sobre o tema escolhido ou então para fazer visitas ao exterior.

Nesta fase o educador deve incentivar as crianças a serem autónomas tendo em atenção as capacidades já adquiridas. Desta maneira a criança pode trabalhar todas as áreas descobrindo assim novas coisas.

O educador deve dar conselhos, sugestões sobre quais as formas mais adequadas de representar as descobertas feitas, ideias e fornecer materiais.

Na última e terceira fase, conclui-se o projecto com o trabalho individual e o de grupo, resumindo-se também tudo aquilo que se aprendeu.

O educador nesta fase deve propor actividades que ajudem a criança a consolidar a compreensão, aplicando desta maneira as informações adquiridas.

Nesta fase pode-se também convidar os pais ou as crianças das outras salas para verem o trabalho realizado e ouvirem a explicação sobre aquilo que aprenderam, como aprenderam e quais os procedimentos que utilizaram para desenvolver o projecto.

De facto em creche, numa sala de 2 anos é possível seguir esta abordagem, no entanto não se deve comparar um projecto aos 2 anos ou aos 5 anos, contudo é benéfico usar esta metodologia de forma menos complexa, mas com iguais ganhos em exploração, pesquisa e relacionamento social.

Organização de grupos

Relativamente a organização de grupos, o trabalho com crianças pode-se realizar em grande grupo, pequeno grupo, trabalho de pares e trabalho individual. **(HOHMANN, MARY.2000)**

O trabalho de grande grupo para além de uma forma de expressão e comunicação permite, o desenvolvimento da expressão e linguagem oral e a aquisição de importantes regras de convivência em grupo. O planeamento em grupo irá surgir quando a maioria das crianças tiver adquirido diversas competências sociais e cognitivas.

Na rotina diária são visíveis momentos de grande grupo por excelência: acolhimento, reunião de grande grupo

Momentos e trabalho em pequeno grupo são por exemplo momentos de higiene, este processo implicará uma alteração da rotina da higiene, uma crescente autonomia e responsabilização do grupo a este nível. Existem também momentos de trabalho em pequeno grupo, geralmente trabalhos orientados, pequenos projectos ou interesses que surgem e que exigem o apoio mais individualizado do adulto. Este tipo de interacção permite ao educador trabalhar melhor em actividades de projecto, porque pode prestar mais atenção a cada criança, favorece também o trabalho do próprio grupo e cria relacionamentos sociais, como a responsabilização ou a divisão de tarefas.

Momentos de trabalho em par, podem colocar em interacção duas crianças, ou criança - adulto, em actividades livres ou orientadas. Favorecem relações sociais mais próximas e o relacionamento entre crianças e adultos.

Os momentos individuais, também são necessários para o bem-estar da criança, que por vezes precisa de um pouco de “ espaço” para si mesma, para imaginar, relaxar, descontraír.

III. Contextos e Estratégias de Investigação

a) Universo/ amostra

O universo desta investigação é um grupo de crianças de uma sala de 2 anos onde o observador participante exerce a função de educador de infância. A investigação surge como forma de conhecimento da realidade no próprio local, uma vez que investigar implica conhecer, aprender, pesquisar e interessar-se. Assim sendo, envolver-se na própria realidade, proporciona um estudo mais participativo e activo.

Deste modo será de todo pertinente apresentar algumas características deste espaço e deste grupo de crianças.

Nesta sala existiam no momento do Projecto de Investigação dezasseis crianças, seis do sexo masculino e dez do sexo feminino.

As idades estavam entre os 30 e os 41 meses, sendo que todos eles nasceram entre Janeiro e Dezembro do ano de 2006.

Na sala existia uma criança com necessidades educativas especiais, (síndrome de Trechen Collins), no entanto é pertinente acrescentar que não havia necessidade, nem de material, nem de espaços adequados, apenas a necessidade de maior acompanhamento nos momentos de higiene e refeição, bem como nas actividades orientada

Relativamente a amostra de crianças, determinou-se uma amostragem significativa, ou seja um pequeno grupo pretende representar o grupo alvo. Determinamos características para que as variáveis fossem representadas; idade, sexo, actividades.

Deste modo conseguimos a seguinte amostra representativa de 25% do grupo alvo.

Existe diversidade quanto a idade e ao sexo, quanto ao tipo de actividades e ao momento da rotina, bem como foram escolhidas actividades individuais, de pequeno e grande grupo.

O cruzamento dos dados obtidos dará uma imagem real da qualidade educativa desta sala de 2 anos e possíveis cenários a melhorar.

b) Local, escola

Este projecto será efectuado na De Mãos Dadas: A De Mãos Dadas é uma Instituição Particular de Solidariedade Social sem fins lucrativos e de utilidade pública. Fundada a 3 de Julho de 1985, por um grupo de residentes na comunidade envolvente, para dar resposta às necessidades da comunidade.

A De Mãos Dadas prática um currículo baseado nas Orientações Curriculares para o Ensino Pré-escolar do Ministério da Educação e nos normativos legais para as diferentes valências. (Porém, existem algumas especificidades em cada uma das valências e que foram definidas com vista a proporcionar um currículo mais rico como é o caso da creche).

Esta instituição encontra-se certificada nas normas ISO 22000 e ISSO 9001, (área alimentar e de serviços).

c) Metodologia e instrumentos de recolha de dados

Neste trabalho o investigador é parte integrante do processo, pretende-se igualmente trabalhar uma realidade específica e concreta e todo o projecto se vai delineando de acordo com o seu crescimento. Os instrumentos de recolha de dados utilizados são a Target e o BABYELL (**Effective Early Learning**) o que irá permitir uma recolha de dados quantitativa, mas que será mais tarde analisada do ponto de vista qualitativo.

Neste projecto de investigação o instrumento para a recolha de dados denominado de TARGET, (manual DQP, pg.123) foi em alguns aspectos alterado devido a sua utilização em contexto de creche, essas alterações serão explicadas oportunamente neste trabalho.

A Target constitui um sistema de observação que tem como objectivo compreender o quotidiano da criança ao nível da Iniciativa, Envolvimento, Organização de Grupos, Interação entre as crianças e adultos, bem como contempla as Experiências

de Aprendizagem das crianças. Através destes dados é possível caracterizar e compreender o ambiente educativo.

A Target possui uma ficha de registo onde é possível anotar as observações efectuadas nos diferentes níveis.

Para melhor compreensão deste instrumento de trabalho remetemos para anexo à sua apresentação original.

As instruções de preenchimento da Target, são bem específicas para que a sua leitura e análise de dados seja a mais objectiva possível.

As crianças a observar devem ser identificadas tendo em conta o género, a idade, etc. Cada observação deve ser efectuada em diferentes períodos do dia e da rotina.

As observações devem ser registadas na Ficha de Observação das oportunidades educativas . Utiliza-se uma ficha de registo diferente para cada uma das observações.

A ficha inclui um cabeçalho para registar, nome, idade, observador, momento da rotina, assim como um espaço para se proceder a descrição das actividades que são efectuadas, nesta descrição são registadas notas sobre as actividades em que a criança está envolvida durante o período de observação, a hora em que a observação é efectuada deve ser anotada.

Esta ficha avalia, como já foi referido, vários aspectos, quanto ao primeiro; Zona de Iniciativa existem quatro níveis nesta ficha de observação, sendo que :

- Nível 1 – Não é dada escolha à criança que tem de fazer a actividade proposta.
- Nível 2 – É oferecido um número limitado de escolhas entre determinadas actividades.
- Nível 3 – Há algumas actividades que não podem ser escolhidas.
- Nível 4 – É dada total liberdade de escolha.

O segundo aspecto contempla a Interação, inclui as interações dominantes: Grande Grupo (GG); Pequeno Grupo (PG); Par (P) ; Individual (I). ,..

No terceiro aspecto, as Experiências de Aprendizagem, o adulto observador deve assinalar, com um círculo, as experiências de aprendizagem que a criança está a fazer tendo por referência as diferentes áreas de conteúdo das Orientações Curriculares Educação Pré - Escolar.

Importa referir que no registo do Nível das Experiências de Aprendizagem surge a primeira adaptação a grelha original, como se trata de um ambiente de creche, foi acrescentada uma coluna de Experiências – Chave; experiências utilizadas no contexto em estudo e que por esse motivo se considera importante acrescentar.

O quarto aspecto refere-se a Interação. A Interação pode ser verbal ou não - verbal. Durante o período de observação, o adulto deve assinalar a forma dominante de interação:

CA \longleftrightarrow A interação equilibrada entre criança -alvo e adulto

CA \longleftrightarrow C interação equilibrada entre criança -alvo e criança

CA \rightarrow A criança -alvo interage com adulto

CA \rightarrow C criança -alvo interage com outra criança

CA \rightarrow GC criança -alvo interage com um grupo de crianças

A \rightarrow CA adulto interage com a criança -alvo

C \rightarrow CA outra criança interage com a criança -alvo

\rightarrow CA \leftarrow criança -alvo fala consigo própria

CA ausência de interação

GC \rightarrow CA grupo de crianças interage com criança -alvo

CA \longleftrightarrow GC interação equilibrada criança -alvo grupo de crianças

Importa ainda referir que foram acrescentados a Target original dois elementos retirados dos Indicadores de Envolvimento da criança BEEL; um quadro para registo do Envolvimento da criança ao nível da Conectividade, Exploração e Criação de Sentido; com 5 níveis de avaliação, e uma fotografia da actividade que surgiu como sugestão para enriquecer o registo, como se pode verificar em anexo.

IV. Descrição e Análise de dados

Neste ponto do trabalho precede-se a descrição dos dados obtidos, no entanto devido a sua extensão esta descrição e os respectivos gráficos foram remetidos para anexo, onde podem ser facilmente consultados, nesta descrição são incluídos os dados relativamente a Zona de Iniciativa, Tipos de Interação, Experiências de aprendizagem, Experiências – chave e Envolvimento, (Conectividade, Exploração e Criação de Sentido).

Nesse sentido e após a obtenção dos dados precedeu-se a sua análise.

Relativamente a **Zona de Iniciativa**, verifica-se que a maioria das observações (18) incidem sobre o nível 1, onde a criança não exerce nenhum tipo de iniciativa e onde a actividade é proposta pelo adulto; 5 registos de nível 2 e 3, níveis intermédios, onde existe alguma escolha por parte da criança e 13 registos de nível 4, registos estes que representam livres escolhas.

Este facto mostra que no trabalho de sala existem muitos momentos onde não há nenhum tipo de iniciativa da criança (18 registos), fazendo crer que o educador tem um papel muito importante ao nível das actividades orientadas. Contudo, estes momentos opõem-se a outros em que a actividade livre tem grande expressão, uma vez que no nível quatro se encontram 13 observações que representam escolhas livres das crianças.

Talvez estes dados surjam da necessidade que existe na creche de alguns momentos de actividades orientadas pelo adulto, no entanto é importante encontrar algum equilíbrio no tipo de actividades proporcionadas de modo a que as crianças possam experimentar outros tipos de iniciativa.

Relativamente ao **Grupo de Crianças** observa-se que num universo de 36 registos, 11 foram de actividades em grande grupo, 3 de actividades em pequeno grupo, 18 em actividades de par e 4 de actividades individuais.

Na prática da sala em estudo existem muitos momentos da rotina diária como o acolhimento, as reuniões de final da manhã e outras actividades em que é necessário juntar todas as crianças, sendo este aspecto quase obrigatório numa sala de 2 anos. Este facto parece poder explicar o elevado número de observações em grande grupo (11

observações). Também o trabalho de par que surge com 18 observações parece ser potenciado pelos momentos de jogo livre ou por pequenas actividades orientadas pelo adulto, em que as crianças solicitam ou necessitam de apoio.

Mas apesar destas situações serem muito características das salas de 2 anos, existem poucas actividades em pequeno grupo e individuais, considera-se por isso que este tipo de interacção deverá ser mais valorizado. Os momentos de pequeno grupo devem ser mais frequentes e programados pelo educador para que aconteçam.

Existem onze tipos de **Interacção** com os seguintes dados :

CA \longleftrightarrow A interacção equilibrada entre criança alvo e adulto – 7 observações

A \rightarrow CA adulto interage com a criança - alvo – 7 observações

CA \rightarrow C criança alvo interage com outra criança – 5 observações

CA \longleftrightarrow C interacção equilibrada entre criança alvo e criança – 4 observações

C \rightarrow CA outra criança interage com a criança – alvo – 4 observações

GC \rightarrow CA grupo de crianças interage com criança – alvo – 4 observações

CA \rightarrow A criança alvo interage com adulto - 3 observações

CA \rightarrow GC criança alvo interage com um grupo de crianças - 1 observações

\rightarrow CA \leftarrow criança alvo fala consigo própria – 1 observações

CA ausência de interacção – 0 observações

CA \longleftrightarrow GC interacção equilibrada criança -alvo grupo de crianças – 0 observações

É de salientar nestes resultados, o facto de os tipos de interacção que apresentam maior número de observações serem aqueles que contemplam a presença do adulto, esta situação pode ser natural num grupo de 2 anos que se encontra pela primeira vez no contexto de creche, e que ainda está a crescer em autonomia, socialização e segurança e que por isso requer atenção e apoio do adulto em cada instante.

Acresce a esta situação o facto de haver um grande número de actividades orientadas pelo adulto, o que implica também a sua presença e conseqüentemente interacção com as crianças.

O facto de um pequeno número de observação incidirem sobre situações em que duas crianças inteagem a par ou sozinhas pode estar relacionado com o facto das pequenas dimensões da sala, e por isso poucas áreas em que as crianças possam estar em interacção em pequeno grupo. As crianças estão a crescer em socialização e interacção, por isso parece ser importantes criar áreas que proporcionem todo o tipo de experiências.

Não existe nenhum tipo de registo em que exista uma interacção equilibrada entre a criança alvo e o grupo de crianças. O que leva a reflectir que em grande grupo ainda não existe esse tipo de experiências, que só talvez o tempo e o crescimento das crianças possa proporcionar.

Relativamente as **Experiências de Aprendizagem**, podemos verificar que 24 observações são de Desenvolvimento Pessoal, 7 de Comunicação e Linguagem, 13 de Representação Criativa, 9 de Conhecimento do Mundo, 4 de Desenvolvimento Físico e 15 de Desenvolvimento Criativo.

Estamos perante uma recolha relativamente equilibrada entre todos os itens, com relevo para o Desenvolvimento Pessoal. A leitura dos dados permite concluir que todas as áreas são abrangidas na prática de sala em estudo e de uma forma relativamente equilibrada. Apesar disso, pode dizer-se que a área de desenvolvimento pessoal é a que está mais representada devido ao cuidado do educador em socializar e desenvolver todos os processos de autonomia deste grupo, que está pela primeira vez na creche. Sendo este um procedimento adequado em contexto de creche, será indicado nesta realidade que todas as dimensões estejam presentes de forma equilibrada e harmoniosa, e por esse motivo, se atribua maior atenção ao desenvolvimento físico pois é o que surge com menor número de observações.

Nas **Experiências – Chave** foram assinaladas 12 observações de Sentido de Si Próprio, 19 de Relações Sociais, 13 de Representação Criativa, 4 de Movimento, 1 de Música, 7 de Comunicação e Linguagem, 12 de Exploração de Objectos, 4 de Noção Precoce de Quantidade e Número, 9 de Espaço e 2 de Tempo.

Também neste item é possível verificar que todos os elementos estão contemplados, apesar disso as Relações Sociais e o Sentido de Si Próprio são os itens

com mais observações, o que parece estar de acordo com a lógica e preocupação do desenvolvimento da socialização e identidade da criança que é característica de um grupo de 2 anos. Os outros itens como a Representação Criativa e a Exploração de Objectos revelam valores aproximados, podendo estar relacionado com o tipo de actividades que são valorizadas naquela sala. De salientar a necessidade de virem a ser mais trabalhados itens como; Tempo, Noção Precoce de Quantidade e número e Movimento, que apresentam valores mais baixos. Deste modo as experiências –chave serão trabalhadas de forma mais equilibrada e harmoniosa.

Avaliação do envolvimento das crianças

Os valores obtidos na escala de envolvimento das crianças revelam que a tendencia nos 3 itens da escala – (Conectividade, Exploração e Criação de Sentido) são positivos, pois situam-se na maioria das situações , acima do nível médio 3 .

Isto possibilita afirmar que o ambiente e as actividades proporcionadas às crianças na sala em estudo, revelam alguma qualidade e conseqüentemente o envolvimento das crianças. Sabendo-se que a aprendizagem está na base do envolvimento dever-se- à no futuro, tentar melhorar ainda mais os niveis de Conectividade, Exploração e Criação de Sentido.

Conclusão

Este projecto de investigação teve como linhas teóricas modelos curriculares de creche tais como; o Modelo Norte Italiano, Goldsmith e Jackson e High - Scope. Assim como procurou em autores como Formosinho e Craveiro, fundamentos teóricos que permitissem um trabalho sustentado e adaptado ao contexto de creche.

Este projecto teve várias fases de investigação, em primeiro lugar foi necessário para além do conhecimento da parte teórica, escolher e conhecer um instrumento que permitisse a obtenção fidedigna de dados, e que permitisse de facto avaliar a qualidade educativa do contexto em estudo.

Depois da escolha realizada a Target e a BEEL foram considerados os instrumentos ideais para o trabalho que era suposto realizar-se, porque avaliam itens importantes no que se refere a avaliação da qualidade de um contexto educativo. Sofreram, contudo alguns ajustes para se adequarem aos objectivos do estudo, da Target presente no documento do Ministério da Educação, **Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias**, acrescentou-se os Indicadores de Desenvolvimento da criança BEEL. Desta “união” surgiu a ficha de observação aplicada do seguinte modo:

Criança	Actividades orientadas OBS	Actividades livres OBS	Recreio OBS	Acolhimento OBS	Momento de grande grupo OBS	Outro momento da rotina OBS
A						
B						
C						
D						
E						
F						

Foram escolhidas 6 crianças de diferente sexo, com mais de 6 meses de diferença entre a mais velha e mais nova e foram escolhidos momentos específicos para realizar as observações. Desta forma surgiram 36 registos passíveis de serem analisados.

Simultaneamente foi executada a parte teórica do projecto, que tinha em mente focar os pontos mais importantes do trabalho de Creche, diferenciar este trabalho do trabalho realizado no Pré - Escolar e deste modo fazer ressaltar o que de maior qualidade pedagógica se pode fazer na primeira infância.

Todos estes passos deram então lugar a seguinte conclusão relativamente a qualidade da prática pedagógica, na sala de 2 anos no ano lectivo 2008-2009, da instituição De Mãos Dadas.

Relativamente a **Iniciativa das crianças**, verificou-se que o educador tem um papel basilar ao nível das actividades orientadas. Contudo, estes momentos opõem-se a outros em que a actividade livre tem grande expressão. Estes dados surtem da necessidade que existe na creche de alguns momentos de actividades orientadas pelo adulto, no entanto conclui-se que também existe a necessidade de no futuro dar mais momentos de iniciativa às crianças.

Relativamente ao **Grupo de Crianças** existem muitos momentos da rotina diária em que é necessário juntar todas as crianças, este facto parece poder explicar o elevado número de observações em grande grupo, no entanto verificam-se poucas actividades em pequeno grupo e individuais, considera-se portanto que este tipo de interacção deverá ser mais valorizado e deverá existir pela parte do educador um esforço para planificar momentos em que isso aconteça. É portanto um item a ter mais consideração. O facto de a sala ser pequena também limita a que actividades de pequeno grupo existam mais frequentemente, há pois a necessidade de adequar estratégias de modo a não se verificar tanto essa situação, como pequenos jogos no exterior ou em outros espaços.

Ao nível da **Interacção**, os tipos de interacção que apresentam maior número de observações são aqueles que contemplam a presença do adulto, facto que pode ser natural num grupo de 2 anos que se encontra pela primeira vez no contexto de creche, e que ainda está a crescer em autonomia, socialização e segurança e por isso requer atenção e apoio do adulto em cada instante. É apesar disso importante aumentar os momentos em que ocasionalmente uma criança se “isola” para relaxar e os momentos

de pequeno grupo , pois são importantes para o estabelecimentos de laços afectivos entre as crianças.

Relativamente as **Experiências de Aprendizagem**, ficamos perante uma recolha relativamente equilibrada entre todos os itens , com relevo para o Desenvolvimento Pessoal. Nas **Experiências – Chave** também é possível verificar que todos os itens estão contemplados, também as Relações Sociais e o Sentido de si próprio são os itens com mais observações. De salientar a necessidade de virem a ser trabalhados itens como; Tempo, Noção Precoce de Quantidade e Número e Movimento, que apresentam valores mais baixos. Estas experiências, por exemplo ligadas a noção de quantidade e número, trabalhadas de modo implícito no quadro das presenças e no recreio em jogos frutuosos precisa de aparecer de forma mais planificada e orientada.

Os valores obtidos na Escala de Envolvimento das crianças revelam que o ambiente e as actividades proporcionadas às crianças na sala em estudo revelam alguma qualidade e conseqüentemente o envolvimento das crianças.

A título final, era importante resaltar a qualidade da sala observada, não deixando no entanto de acrescentar que perante o levantamento teórico aqui presente, existe a possibilidade de melhorar aspectos que foram nesta conclusão ressaltados.

Não existe no entanto a possibilidade de terminar este Projecto de Investigação sem acrescentar a importância e a especificidade do trabalho em Creche, e de chamar a atenção para a importância dos modelos curriculares específicos para a faixa etária entre os 0 e os 3 anos , pois são eles que permitem que exista qualidade da prática pedagógica em contexto de Creche, não sendo o trabalho de creche igual ou idêntico ao realizado na educação Pré – escolar, pois encerra conhecimentos específicos e adequados as faixas etárias em questão .

Bibliografia

- Azevedo, A. E Formosinho, O., “A Documentação Da Aprendizagem: A Voz Das Crianças” *In* Formosinho, O., (Org), “A Escola Vista Pelas Crianças”, Porto Editora, Porto, 2008
- Banet, Bernard; Hohmann, Mary; Weikart, David P. A Criança Em Acção. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa,1979
- Dahlberg, Moss E Perce, “Qualidade Na Educação Da 1ª Infância: Perspectiva Pós-Modernas, Artmed Editora, S. Paulo, 2003
- Dahlberg, Moss E Perce, “Qualidade Na Educação Da 1ª Infância: Perspectiva Pós-Modernas, Artmed Editora, S. Paulo, 2003
- Garden ,H. Inteligencia Emocional, Lisboa, 1995
- Gonçalves, I. M. (2008). *Avaliação Em Educação De Infância: Das Concepções Às Práticas*. Penafiel: Editorial Novembro, 2008
- Hohmann, Mary. Educação De Bebés Em Infantários –Cuidados E Primeiras Aprendizagens. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenian, 2000
- Hohmann, Mary, Weikart, David P, “Educar A Criança”, Tradução De Marujo, H. Á., Neto, L. M., 2ª Edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Maio 2003
- Ministério da Educação, Manual DQP – Desenvolvendo a qualidade em Parcerias, Lisboa, 2009
- Ministério Da Educação, Orientações Curriculares Para A Educação Pré-Escolar, Lisboa, 2002

- Parente, 2002, *In* Silva, Brigitte, “Portfólios De Crianças – Avaliação Das Aprendizagens” (Diapositivos), Porto, 2009
- Shores, Elizabeth E Grace, Cathy, *Manual De Portfólio: Um Guia Passo A Passo Para Professores*, Porto Alegre, Editora Artmed, 2001
- Zabalza, M.. **Didáctica Da Educação Infantil**. Edições Asa, 1992